

# Ensino de línguas em ambientes virtuais: paradigmas, desafios e objetivos.

ENTREVISTA COM CHRISTIAN DEGACHE, MARIA CRISTINA LIMA PANIAGO E MICHELE EL KADRI.

Se na edição anterior da revista contemplamos artigos da área de estudos linguísticos e literários, neste novo número decidimos dar voz a uma problemática que tem sido alvo de recentes estudos: a relação entre as tecnologias digitais, as novas formas de ensinar e aprender e a formação de professores. Por isso, aproveitamos a realização da VIII JEALAV-USP (Jornada de Ensino e Aprendizagem de Línguas em Ambientes Virtuais) para conversar com pesquisadores e especialistas da área. Com a temática “Tecnologia, metodologia e material didático”, o evento contou com a realização de uma mesa-redonda e diversas comunicações e apresentações de trabalhos que versavam sobre esses temas. Destacamos a presença de três pesquisadores que conversaram conosco e cujo encontro resultou em uma entrevista transcrita nesta edição: Profa. Dra. Michele El Kadri<sup>1</sup> (UEL), Prof. Dr. Christian Degache<sup>2</sup> (UFMG) e Profa. Dra. Maria Cristina Lima Paniago<sup>3</sup> (UCDB).

A entrevista foi mediada por Nicole Binholo e Tiago Rodrigues Sbarai, alunos do programa de pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da FFLCH-USP e contou com a participação da Profa. Dra. Mônica Ferreira Mayrink O'Kuinghttons (DLM-FFLCH-USP), uma das organizadoras do evento. Esperamos que a leitura dessa entrevista dê uma maior visibilidade a respeito da formação de professores e criação de materiais didáticos em ambientes virtuais, temas que devem interessar ao licenciando e ao pesquisador da área de ensino e aprendizagem de línguas.

---

<sup>1</sup> Michele Salles El Kadri é professora da Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Estudos da Linguagem (UEL). Atualmente, interessa-se por pesquisas na área de formação do professor pela perspectiva socio-histórico-cultural (principalmente coteaching e diálogo-cogenerativo), análise crítica do discurso, novas tecnologias, formação de professores no âmbito das políticas públicas (PIBID, PDE, Novos Talentos, Prodocência) e implicações do estatuto do inglês como língua franca para a formação de professores.

<sup>2</sup> Christian Degache é professor adjunto de Língua francesa e prática de ensino na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-FALE, Faculdade de Letras). Doutor em Ciências da linguagem (Université Stendhal - Grenoble III). Suas pesquisas se concentram sobre as estratégias de aprendizagem das línguas, a descrição e o análise das interações exo-plurilingües, o design de AVAs e de cursos híbridos, em particular para a formação de professores e em relação com os cenários e roteiros telecolaborativos para a intercompreensão em línguas românicas.

<sup>3</sup> Maria Cristina Lima Paniago é professora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Doutora em Língua Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Tem experiência na área da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologia educacional, educação a distância, ensino-aprendizagem de línguas, formação e práticas docente. É líder do Grupo de estudos e pesquisas em Tecnologia Educacional e educação a distância (GETED).

**Revista La Junta:** Pensando em modelos de ensino e mais especificamente em aprendizagem móvel, ensino híbrido, sala de aula invertida, quais destes modelos vieram para ficar e, com os estudos apresentados até o momento, há algum modelo que se adapte melhor ao sistema educacional brasileiro?

**Profa. Dra. Michele El Kadri.:** Na verdade, creio que não é possível decidir se há um modelo. Porque tudo vai depender do contexto, dos alunos. Você pode ter uma mesma turma, na mesma universidade, no mesmo curso, do mesmo ano, mas uma é da tarde e outra é da noite, o resultado será diferente. Então, não diria que há um modelo que veio para ficar, mas da minha perspectiva, seria viável para qualquer contexto aí um mix de várias abordagens, de acordo com o que o professor sinta que é necessário para sua turma. É válida até a recusa de falar “eu não vou utilizar nenhuma destas abordagens hoje ou nesta turma”. É a maneira como eu tento trabalhar com a tecnologia.

**Prof. Dr. Christian Degache.:** Além disso, me parece que a aula invertida é um tipo de aprendizagem híbrida, logo, poderia ser um modelo que vai ficar entre todos os modelos de aprendizagem híbridos. Mas, bem, não dá para saber qual dos modelos tem impacto mais forte. Na escola pública, aparece o fato da dificuldade técnica, de conexão, de material e falta de recursos. A questão de famílias tendo sempre mais ferramentas em casa, ao menos o celular, poderia até facilitar o modelo de aula invertida, porque aí na hora da sala você não precisa de tecnologia. Mas, por outro lado, isso tem também implicações negativas. Qual era o terceiro modelo?

**La Junta:** É, então, eu citei aprendizagem móvel, o ensino híbrido e a sala de aula invertida.

**C.D.:** Ah, a aprendizagem móvel aí é precisamente com celular, que é mais uma ferramenta que pode facilitar o modelo de hibridação, já acho que não entra em competência com os outros.

**Profa. Dra. Maria Cristina Lima Paniago.:** A gente está numa sociedade bastante complexa. Agora, temos que pensar em alguns elementos para poder fazer as escolhas. Primeiro, o contexto em uso: Então, qual é a necessidade desse grupo? O que o grupo quer? E esta não pode ser uma decisão vertical, não pode ser uma decisão do professor sozinho, pois tende ao fracasso. É preciso identificar as intencionalidades por trás disso tudo. Qual é a proposta? Como a Michele disse, até para podermos ter a opção de escolhas. Porque, às vezes, uma aula é muito melhor com uma tecnologia tradicional, ela tem uma proposta muito mais colaborativa, participativa, de protagonismo do que uma aula toda incrementada com tecnologias.

**M.E.K.:** Na verdade, até gosto mais do termo “abordagem”, porque na abordagem você até pode ter princípios, mas é mais flexível, mais pessoal. O método acaba sendo um pouquinho mais fechado, na abordagem você pode falar “eu acredito nessas coisas”. Concordo também aqui com o que o Christian falou em relação à sala de aula invertida: se você pensar na escola pública, a aprendizagem móvel teria grande potencial. Tem até uma corrente do Bring your own device, “Traga seu próprio aparelho”, que funcionaria, porque nas escolas públicas, mesmo na periferia, na maioria dos lugares do Brasil, os alunos têm aparelho celular. Ainda assim, várias pesquisas têm mostrado que a garantia de acesso ao aparelho não implica no

sucesso de um letramento digital. Por isso, se eu tivesse que escolher algum modelo a incentivar, principalmente nas escolas públicas, optaria pela aprendizagem móvel, já que daria conta também da aula invertida, uma vez que o aluno poderia usar do recurso em casa para vir para a sala de aula mais preparado. A questão é que envolveria toda uma conscientização das famílias, da equipe pedagógica.

**M.C.L.P.:** Além disso, existe a questão da própria formação do professor, já que existe o risco dele fazer o mesmo, aplicar a mesma metodologia, se valendo apenas de um ou outro recurso tecnológico diferente. De que adianta, então, você pegar o computador e usar para digitar texto, como a máquina de datilografar? As potencialidades são muito maiores. É preciso pensar o que você vai fazer com isso, onde você vai avançar na aprendizagem com esse aparato, com esse artefato.

**C.D.:** Queria fazer outra observação sobre o modelo “que veio para ficar” da aula invertida. Todos vemos alunos tomando notas, trabalhando com o livro, manual de línguas na sala de aula, ou seja, tendo um papel mais ativo na presença do professor. Mas a prática invertida, é muito bem sabido, tem a ver com a pedagogia ativa, com modelos pedagógicos que têm mais de um século. Este tipo de pesquisa em casa vem para a sala de aula para fazer um balanço, roda de conversa, já existe toda esta terminologia. O engraçado é que, nesse sentido, a tecnologia veio com a função de divulgar abordagens que ficaram um pouco isoladas ou não divulgadas em todas as escolas, que se restringiram às escolas particulares. Isso é interessante de ver, porque a tecnologia pode divulgar coisas que há um século já estávamos tentando fazer.

**La Junta:** A impressão que tenho é que talvez estas metodologias ativas parecem chegar para o professor, às vezes, como uma novidade, quando na verdade não o são.

**C.D.:** É, quando se fala de modelos, não se fala somente de tecnologia, mas de função educativa, de princípios, de metodologia, de procedimento.

**M.C.L.P.:** Até comentávamos que, por meio de uma apresentação, ficamos sabendo que nas aulas das biológicas, nas de medicina, por exemplo, já se trabalha com aula invertida há algum tempo. O aluno vai, pesquisa a doença e aí vem “eu tenho essa situação, o que vocês fariam nessa situação?”. O tempo da aula é aproveitado, então, para problematizar, para discutir, para avançar. De outro modo, para acessar algumas informações podemos fazer uso de outros mecanismos que não necessitem de um mediador.

**C.D.:** Com a telecolaboração acontece o mesmo, é uma prática de comunicação entre turmas que já se aplica há um século. No século XX, já se fazia o que se chamava de “correspondência escolar”. Os alunos tinham impressora, aquela velha, com as letras separadas, colocavam a folha na prensa para imprimir e mandar. Ao final, o resultado é muito parecido, só temos ferramentas hoje que facilitam a velocidade, mas como modelo não é muito diferente.

**Profa. Dra. Mônica Ferreira Mayrink O'Kuinghttons.:** Eu acho que a grande novidade está no potencial da tecnologia para aproximar o aluno de um mundo de informação que antes era inviável para ele, quase inalcançável. Antes você tinha que ir atrás, hoje a informação chega até você. Então, essa relação da tecnologia com a sala de aula invertida é o que ela tem de

diferente com relação a modelos que já usávamos, porque você podia simplesmente dizer “Ah, mas eu peço para o aluno ler o texto em casa e na sala a gente discute e problematiza, isso é sala de aula invertida”, na base, é. Agora o grande salto qualitativo é pensar o que o componente tecnológico traz de novo. É nessa postura de autonomia que o aluno precisa crescer para conseguir tirar proveito dessa ideia.

**C.D.:** É competência, a chamada competência informacional, que acaba sendo a principal, já que na vida, no dia-a-dia, temos que gerenciar essa informação.

**La Junta:** E, aproveitando essa ideia, queria saber um pouco da percepção de vocês: como vocês têm visto a inserção destas tecnologias digitais nos espaços, nas instituições de ensino, escolas e universidades? Vocês acham que está indo no caminho adequado? Há novas coisas a serem propostas?

**M.C.L.P.:** Eu acho que existe muita proposta mercadológica e de marketing. Se insere a tecnologia porque está associada à inovação, como se tecnologia fosse garantia disso. E aí vêm as outras questões: a questão da formação do professor, quer dizer, eu vou fazer o quê? Eu dou aula há tanto tempo. A minha aula é interessante e eu tenho que inserir esta tecnologia goela abaixo, mas com que finalidade? Que mudanças ou que transformações isso vai implicar? E aí sempre olhando para a questão da aprendizagem, eu vejo que essa inserção não é garantia de inovação, ela não é garantia de aprendizagem, ela é potencialidade, ela traz junto múltiplas possibilidades de uso, mas que demandam outros elementos: o professor tem que estar subsidiado. O problemático é que a mídia vem com um discurso de culpabilizar o professor, de que o professor é preguiçoso, que ele não está querendo inovar. Precisamos ter muito cuidado com isso, porque, na verdade, o professor tem que ter esse subsídio, tem que ter suporte, tem que ter um bom salário. A questão é como desenvolver uma cultura dentro da instituição, no sentido de se apropriar dessa tecnologia de maneira que ela se agregue às condições necessárias.

**M.E.K.:** Eu tenho dois tipos de representação desse contexto. Num primeiro plano, venho para o JEALAV, nos eventos que são específicos de língua e tecnologia e eu fico inspirada. Digo: “como as pessoas estão perdendo um monte de coisa”. Eu saio de uma comunicação, você fala “nossa, as pessoas estão fazendo muita coisa, estão investigando muito”, alunos de Iniciação Científica ali, apresentando trabalhos maravilhosos, de vários aplicativos que eu nunca nem tinha ouvido falar e saio totalmente empolgada, então eu acho que pesquisa tem avançado, temos alcançado grandes êxitos no Brasil mesmo, não precisa nem ver os trabalhos do exterior. Mas, num segundo plano, quando penso nos contextos tanto da universidade pública, nos cursos de letras em si e quanto os da educação básica, eu não consigo ver este mesmo avanço. Pode existir uma disciplina separada “Tecnologia no ensino de línguas”, mas eu só vejo uma real transformação que chegue nas escolas quando as aulas, de modo horizontal, do curso de letras, aulas de língua estiverem utilizando tecnologias. O que eu vejo acontecer: o nosso aluno vai para a educação básica e na hora de pensar sua aula, o que ficou de mais forte, por mais que ele tenha discutido as questões de tecnologia no ensino de línguas, ele acaba por reproduzir a aula de língua que teve. Então, não vejo ainda esta integração nos sistemas de ensino. Eu acho que ainda há um pouco de resistência em relação às tecnologias, tanto no corpo docente de instituições, quanto na educação básica, por diversos fatores. Não é culpando o professor, mas por, na educação básica, faltar condições mesmo, seja falta de wi-fi,

de um laboratório de informática, para não falar da falta de formação continuada que o Estado acaba oferecendo. Estou falando a nível de Paraná também, é um pouquinho do que eu sinto. Acho que há iniciativas, mas a pesquisa demora para chegar. Nós estamos vendo isso aqui na pesquisa, até chegar, de fato, nas salas de aula, de ser mais disseminado, continuamos falando para nós mesmos. Existe uma distância para chegar como um conteúdo nos cursos de formação, como um conteúdo didatizado.

**M.C.L.P.:** Primeiro que algumas instituições não possuem disciplina ligadas ao ensino em ambiente digital e as que têm, muitas vezes, e eu sou uma professora desta matéria, desempenha um papel isolado. Ela não dialoga com as outras e é esse o problema. Quando você pede aos alunos para pensarem uma atividade, usando a tecnologia dentro da área, eles fazem o uso completamente tradicional, que não condiz com o uso que eles fazem da tecnologia no dia-a-dia, é incrível! Então, é essa falta de diálogo, da interdisciplinaridade, gera uma situação muito fragmentada. Vamos discutir tecnologia, falar de tecnologia, mas o uso naquela disciplina é muito pouco, porque ainda não acontece de maneira geral.

**M.M.O.:** Não repercute nos outros espaços. A gente tem essa dificuldade aqui, por exemplo, com o uso do Moodle. Ainda que se tente usá-lo de uma forma mais produtiva, criativa, explorar as ferramentas, os demais professores o utilizam somente como repositório de texto ou para mandar recado para o aluno. Então, quando você fala “Vou usar o Moodle”, já percebe um desânimo. Ou seja, os alunos já vêm com aquele estigma, rotulando a plataforma como um espaço que substitui o xerox. Essa problemática de querermos levar algo novo para o aluno e encontrarmos a barreira no próprio alvo traduz um pouco dessa ideia comum de que tecnologia pode ser diversão, lazer, mas não instrumento para trabalhos em casa. Assim, nos cabe esse papel importante de seduzir, no sentido de tentar convencer, mostrar para o aluno o que é que tem de produtivo em termos de aprendizagem, como esses recursos podem repercutir na aprendizagem dele. E é um trabalho lento, eu acho que não muda de uma hora para a outra. Não é como uma disciplina que se altera o quadro.

**C.D.:** É a relação, o tempo que você dedica a isso, o tempo investido é um benefício. Se o aluno não percebe interesse aí, claro, desiste. Ou fica com impressão ruim da ferramenta, ou do uso da tecnologia. Ou seja, esse aluno, depois que for professor vai para a escola e vai dizer que não precisa, que pode prescindir. Mas a pergunta é legítima: “Por que até no Ensino Médio a gente precisaria de tecnologia?”. Tantas coisas para aprender e para fazer na sala de aula, mas acho que desistindo disso se desiste do desenvolvimento da competência informacional e, hoje em dia, isso é muito importante. É como fechar também a sala de aula ao debate, embate da sociedade. E eu acho que é uma função educativa, para voltar a sua pergunta, a função educativa da escola de abordar de um jeito crítico, porque o aluno tem que chegar a se colocar de um jeito crítico em relação às tecnologias, às redes sociais, tudo isso.

**M.E.K.:** Algumas pessoas têm mostrado também que eles conseguem utilizar a tecnologia para entretenimento, mas não, por exemplo, para participação social em alguma questão que realmente impacta: um blog a respeito de alguma questão que está acontecendo ou fazer uma petição.

**La Junta:** Estou de acordo que a questão da formação do professor, da formação continuada exercer um papel importante. Então eu tenho uma pergunta nesse sentido: se cada vez mais

têm surgido ofertas de cursos de graduação a distância ou semipresenciais, inclusive voltados à formação de professores, licenciaturas, esse futuro professor estará mais bem preparado para lidar com as tecnologias digitais do que aquele formado em cursos presenciais? Além disso, como formar professores capazes de atuar em modelos de ensino cada vez mais híbridos?

**M.C.L.P.:** Mais preparado eu não sei, acho que vai depender muito. É claro que ele vai ter, provavelmente, mais formação a respeito na educação a distância, hoje, nos modelos em que está usando as tecnologias digitais, mas existem outras tecnologias. Então talvez essa familiaridade com a tecnologia possa dar a impressão de que está preparado. Mas é algo mais corriqueiro, mais técnico, não sei se mais preparado. Eu acho que essa comparação entre “a distância” e presencial precisa ser ultrapassada, estamos pensando mesmo é em uma educação de qualidade em que a pessoa possa se posicionar socialmente, politicamente. O meio como isso vai acontecer é questão secundária. Claro que isso tem implicações, mas eu não penso em comparar os tipos de formação, ainda que as médias de exames estejam apontando que os alunos que estão saindo da educação a distância apresentam índices melhores do que os alunos formados em cursos presenciais. E aí pode-se pensar questionar o porquê. Porque um curso assim necessita de leitura, necessita de uma certa autonomia, o perfil desses alunos, geralmente é de pessoas com mais experiência. Geralmente, estão numa segunda graduação, enfim, são vários elementos, mas isso não quer dizer que uma modalidade é melhor do que a outra. Eu acho que é uma complexidade de elementos que precisamos olhar com mais cuidado. Essa coisa de ficar comparando e dizendo que uma é melhor do que a outra, que uma é pior do que a outra é muito raso.

**C.D.:** Acho que para ser professor e ensinar com ferramentas digitais, tem que ter experiência, vivência de aprendizado com as ferramentas, experiências positivas, experiências negativas. É bom, desse ponto de vista crítico, por exemplo, problematizar sobre o uso do Moodle, colocar em dúvida, questionar pode ser muito útil para repensar a experiência. A experiência é determinante...Foi o meu caso, até na universidade eu nunca tive ferramentas digitais, quando comecei o doutorado. Quando cheguei a defender o doutorado aparecia o e-mail, em 1996, era precisamente no mesmo ano. Só depois é que comecei a travar contato com os recursos... antes tinha CD-rom, tinha algumas ferramentas informáticas, mas não tinha comunicação online. E consegui através da pesquisa, da experiência docente fazer uma experiência. E eu acho que os alunos de agora têm mais condições para saber o que fazer com as ferramentas a partir de um olhar crítico sobre um modelo, uma ferramenta, um suporte. Isso é inevitável. Quem não fez nenhuma experiência desse tipo vai ser mais difícil.

**M.E.K.:** Eu acredito também que não tem muito como comparar. Eu acho sim que aprender é participar, ter engajamento. Então se houver participação, engajamento em um curso à distância, eu acho que ele pode ser um bom professor e se não houver em um curso presencial, acho difícil que saia uma pessoa bem formada e o contrário também. Então, para mim, qualquer contexto que propiciar participação e engajamento vai gerar aprendizagem e vai ter mais chances de gerar um bom profissional.

**La Junta:** Vocês acreditam, observando os currículos dos cursos de licenciatura, que eles têm contemplado essa realidade de letramento digital? Nas instituições que vocês atuam, nas secretarias de ensino que vocês conhecem?

**C.D.:** Eu fiz uma proposta de disciplina de quarenta horas presenciais e vinte horas a distância e não houve nenhum problema, aceitaram logo, dizendo que tem que ter e as disciplinas tem que evoluir nesse sentido. Foi uma recepção muito boa, sem problema.

**M.C.L.P.:** Na minha instituição, temos tentado, mas avançando devagar. Porque nessa desconstrução, você tem que ressignificar, ainda existe muito preconceito. Além disso, outro fator em jogo que não discutimos é a intensificação do trabalho, principalmente, quando se trata de formação a distância. Por que o professor que dá só aula presencial vai se arriscar a dar aula a distância com cem, duzentos, trezentos, sei lá quantos? Existe a demanda do mercado, mas são vários elementos que não dá para a gente generalizar. É preciso avaliar os contextos.

**La Junta:** No depoimento do professor Moran, ele menciona certo “estranhamento” por parte de seus colegas devido ao objetivo de sua pesquisa [metodologias ativas] e o uso delas em seus cursos. Esse assunto aparece em alguma de suas disciplinas, o uso de metodologias ativas é abordado de forma satisfatória?

**M.E.K.:** Aparece, mas vai depender também da política institucional. Vou falar de duas universidades do Paraná, a UEL e a UEM. A UEM, por exemplo, entrou no ensino a distância desde quando começou, a reitoria teve uma política de inserção. Por exemplo, o curso de Letras estava bombando, tanto na modalidade a distância como presencial. Cheguei a participar na produção de material sobre língua franca para a formação de professores e a Universidade oferece todo um suporte. Na instituição que eu trabalho, por exemplo, houve uma resistência da instituição em aderir à legislação mais recente sobre Ead, tanto a que regulamenta a oferta de cursos 100% a distância quanto aquela que permite a inserção de 20% da carga horária da disciplina seja em atividades online. Nós estamos inserindo agora esses 20% em cada disciplina e mesmo assim ainda há resistência. A inserção ainda é muito pouca, a não ser os professores que decidiram trabalhar com tecnologia.

**M.M.O.:** essa inserção costuma ocorrer quando convém ao professor. Na USP, mais especificamente na Letras, a adesão ao ensino online ainda é um problema. Na Letras, não há disciplinas que abordem a modalidade de ensino a distância, não há disciplinas formativas ou que promovam a discussão do uso da tecnologia aplicada à educação em sala de aula. A oferta de disciplinas optativas nessa área é algo que está em planejamento, mas isso tem que passar por aprovação.

**M.C.L.P.:** A educação a distância, o ensino online ainda é visto como de segunda linha, isso pelos próprios políticos. Por exemplo, o aluno que reprovou vai fazer uma disciplina a distância. Quer dizer, nem a própria política acredita muito ainda. Começou muito modestamente, até pela inexperiência. Então eu acho que a gente tem que desconstruir muito preconceito que existe contra a educação a distância.

**La Junta:** Para finalizar... considerando que é mais importante focar a discussão na qualidade do ensino e não no modelo adotado, no que diz respeito à educação linguística, o que teria maior importância e relevância para alcançar essa qualidade: políticas públicas, formação de professores... o que vocês pensam?

**M.C.L.P.:** Acho que você falou dois elementos importantíssimos. Política pública e formação de professores estão conectadas, acho que não dá para colocar uma acima da outra. São os elementos básicos para uma educação de qualidade.

**M.E.K.:** Pode ser política de formação de professores?

**C.D.:** Claro! Faz parte da formação de professores a pesquisa pela pesquisa, as pessoas têm interesse em fazer, escrever, experimentar, ler...

**M.E.K.:** Eu comecei um estudo, não terminei ainda mais tentei olhar como a tecnologia aparece nos documentos oficiais. Agora estou analisando que ideologia, que discurso que eles trazem dentro de cada um desses documentos.

**M.M.O.:** Aparece em todos, mas como aparece? Aparece nas políticas como sendo uma questão importante, mas de fato nós não temos políticas de formação de professores que realmente deem conta da demanda. Resumindo...é importante, tem que haver, é necessário, vai melhorar a prática, mas acho que não temos prática mesmo, não temos cursos, programas de formação continuada, de uma maneira bem horizontal que trate dessas questões, diz-se que é importante, mas não há condições muitas vezes dos professores participarem desses cursos. Os cursos continuam sendo esporádicos, uma vez por bimestre.

**M.C.L.P.:** E é bastante prescritivo. Quem faz uma crítica bastante grande das políticas é a Raquel Barreto. São muito legais os textos dela, ela pontua exatamente isso, se você for fazer uma análise até linguística das normas, vê-se que são bastante prescritivas, culpabilizando o professor. O professor tem que cumprir, mas a partir do quê?

**La Junta:** Mas as condições para atingir esses princípios...

**M.M.O.:** Eu acho que é pensar em uma maior coerência daquilo que se está propondo e daquilo que a própria instituição oferece como currículo. Porque se você também aposta em um currículo engessado como é que você quer dar passos inovadores, por exemplo, em relação às metodologias ativas, quer dizer você fica com um descompasso entre aquilo que a própria instituição está pedindo e o que está oferecendo como base e como estrutura. Então são duas coisas. Voltando à legislação, tivemos o currículo da USP reformulado faz pouco tempo, uns dois anos atrás ele passou por uma avaliação, mas a documentação voltou, porque eles pediram que fosse especificado em cada disciplina onde estava o uso da tecnologia. E aí o que as pessoas fizeram? “Ah, coloca aí que a gente usa a plataforma, que nas aulas metodologia usamos apoio tecnológico.” Mas isso na verdade não diz nada.

**M.C.L.P.:** Na escola tem ainda a questão dos laboratórios, eles têm uma planilha que deve ser preenchida com quantas vezes foram no laboratório, quantas vezes cabe a disciplina. O que se fez lá não importa, importa se o recurso foi usado.

**M.M.O.:** É interessante essa discussão porque a gente vê que ainda tem muita coisa para fazer; no âmbito institucional, trabalhamos muito sozinhos. Quem está disposto faz, mas faz no pequeno, em um universo muito pequeno que tem muita dificuldade de se expandir e ganhar outros terrenos porque encontra essas resistências, às vezes do colega, do aluno, da



instituição, então você fica lá...

**M.C.L.P.:** Talvez esse estabelecimento de redes e de trabalho mais colaborativo pudesse nos alavancar, nos ajudar.

**M.M.O.:** É o tipo de coisa que a gente está fazendo agora, quer dizer, um evento desse promovido dentro da instituição, é importante até para trazer os próprios alunos que não estão acostumados a ter esse espaço de discussão. E de repente isso acende uma chama. “Nossa, mas isso se discute?” Chama muito a atenção quando estamos organizando a JEALAV e os colegas falam: “Quantos trabalhos vêm pra Jornada?” “Tem cerca de 50 trabalhos”, “Mas tem tanto assunto assim para discutir sobre esse tema?” Então, é um estranhamento que a gente muitas vezes não faz com relação às outras áreas.

**M.C.L.P.:** É um pouco da desconstrução do que que são os saberes, dos conhecimentos. Quais são os saberes, ou os conhecimentos prioritários.

**M.M.O.:** Quais são os relevantes e rotular inclusive, de mais ou menos relevante. Isso é muito problemático.

**C.D.:** Na área das línguas uma coisa super interessante são as muitas temáticas, é o encontro dos especialistas das diferentes línguas. Geralmente o congresso é inglês, italiano, espanhol, francês. E aí a tecnologia dá espaço para encontros entre as línguas e isso acho muito relevante.